

ENTREVISTA

ENTREVISTA COM O FILÓSOFO MATTHIEU CASALIS

Passou conosco, no Instituto de Filosofia da PUCCAMP, quase dois meses o filósofo francês Matthieu Casalis. E a revista **Reflexão** não poderia deixar ficar, sem um registro especial, a visita do Professor Mateus. Até porque, muito para além de ser um profissional de competência e acuidade de pensamento, Casalis pareceu-nos uma figura humana de rara beleza. Assim, desejamos que esta entrevista não seja apenas um registro formal; publicamo-la como um gesto de carinho também.

Reflexão – Sendo francês de nascimento e Professor junto à Universidade de Novo México (USA), poderia esclarecer-nos quanto aos fatores que acabaram por atraí-lo para a América Latina ?

Casalis – Sendo francês, ou seja, de cultura latina, sempre me tenho sentido atraído pela América Latina. Foi por isso que aceitei um convite para ensinar na Universidade do Novo México, Estados Unidos. Esta região fazia parte do México até que foi anexada pelos Estados Unidos, no século passado (Tratado de Guadalupe-Hidalgo), e segue tendo uma forte proporção (quase 50% da população) de latinos e indígenas. Minha estadia no Novo México deu-me a oportunidade de viajar para o México, onde estudei as culturas precolombianas – especialmente a Maya – nos Estados de Yucatán e de Chiapas. Também viajei para a América Central (Guatemala, Nicarágua) e América do Sul. Durante o Primeiro Congresso de Filosofia Latino-Americana, em Bogotá, Colômbia, encontrei filósofos latino-americanos como Leopoldo Zea, Enrique Dussel, Hilton Japiassu, Constança Marcondes César.

Reflexão – Matthieu: em que época esteve na Nicarágua e realizando o quê ?

Casalis – Passei 8 meses na Nicarágua (janeiro-agosto de 1981). Cheguei lá como membro do Comitê de Solidariedade com a Nicarágua do Novo México. Participei de um Congresso de apoio à Revolução Sandinista num momento em que se temia (já !) uma intervenção norte-americana. Esse Congresso nos deu a oportunidade de conhecermos o heroísmo do povo nicaraguense, um dos menores da América Latina com apenas 2,5 milhões de habitantes, e que, no

entanto, através de sua obstinação e perseverança, conseguiu libertar-se de uma ditadura sangrenta, velha de 40 anos e apoiada pelo imperialismo norte-americano. Fizemos visitas extraordinariamente impressionantes, por exemplo à cidade mártir de Estelí, que se libertou três vezes da Guarda Nacional somozista e foi retomada três vezes pela Guarda, sendo transformada num campo de ruínas. Também visitamos o bairro indígena de Monimbó, em Masaya, onde os moradores inventaram a famosa “bomba de contato”, de fabricação simples e que fazia recuar os tanques da Guarda de Somoza durante a insurreição final. Participamos da colheita do algodão e encontramos os Comandantes Revolucionários. Descobrimos a possibilidade de um socialismo humano, exemplificado pelo Comandante Tomás Borge, o único sobrevivente dos fundadores do sandinismo. Borge foi preso e torturado de maneira selvagem nas cadeias somozistas. Sua mulher, torturada e morta. Depois da vitória, trouxeram para Borge os torturadores dele e de sua mulher. Borge lhes deu a mão e lhes falou que sua única vingança consistiria em perdoá-los. Uma das primeiras tarefas de Revolução consistiu em iniciar a Campanha Nacional de Alfabetização, que aconteceu também nas cadeias, onde os ex-guardas somozistas tiveram também acesso à educação. Ernesto Cardenal, Ministro da Cultura, desenvolveu “talheres de poesia” em cada lugar do país, inclusive na Polícia e no Exército. Todos esses acontecimentos, por sua dimensão utópica, foram a razão por que decidi ficar na Nicarágua por mais tempo. Participei da Campanha Nacional de Saúde, especialmente na vacinação das crianças, onde se usava um método conscientizador inspirado, como no caso da Campanha de Alfabetização, pelos ideais de Paulo Freire. Também ensinei durante um semestre na Universidade Politécnica da Nicarágua, o que me deu oportunidade de pôr em prática as idéias de Enrique Dussel, ou seja, de deixar de lado esquemas eurocentristas de ensino para partir da realidade nicaraguense (a cultura indígena, a história revolucionária, etc.). Este tempo na Nicarágua me impactou muito; parecia que todo o país se tornara num gigantesco laboratório de filosofia, onde os sonhos, as utopias vinham a ser realidade !

Reflexão – Que papel tem tido, em sua experiência cultural, sua estada no vizinho país chileno ?

Casalis – No Chile estou trabalhando numa pequena Faculdade que tenta providenciar educação para um pessoal que tem sido muito privado disto, especialmente a partir de 1973. Estamos dando aulas fora dos muros da Faculdade também, trabalhando com pessoal de base, particularmente pastores pentecostais autodidatas. Cabe-me fazer sessões de introdução ao pensamento filosófico em três ou quatro

fins de semana. Apesar das limitações óbvias, essas sessões têm sido talvez as experiências mais ricas de toda a minha vida de educador. Estamos usando uma pedagogia dialogal. Atrai-me sobretudo a sede de aprender dos alunos e seu carinho, tanto como sua habilidade de fazer uma leitura concreta de autores difíceis como Spinoza ou Leibniz. Há que sair da torre de marfim, tornando-se, por assim dizer, “professor descalço”, e chegar a fazer uma hermenêutica dos autores a partir da realidade humilde dos participantes. Esta leitura a partir da realidade concreta me faz descobrir novas dimensões nesses autores. Saio das sessões diferente. Que lindo, quando se sente que o processo educativo é compartilhado e recíproco! Raramente encontrei tanta espontaneidade e sentido do concreto em círculos acadêmicos.

Reflexão – Que caminhos tem seguido sua formação filosófica, e que relações tal formação mantém com a Teologia?

Casalis – Formei-me em Teologia depois de um ano de estudos pré-médicos e de dois anos de literatura clássica. Estudei a Teologia nas Faculdades de Montpellier, Lausanne e Estrasburgo. Dos meus estudos teológicos retenho, mais que tudo, o gosto pelas línguas, especialmente a hebraica, que sigo amando profundamente. É uma língua concreta, uma língua do corpo, uma língua de camponeses arraigados ao chão. Por exemplo, a palavra hebraica que traduzimos por “alma”, *nephesh*, quer dizer “garganta”! *Ruakh*, traduzida por espírito, significa literalmente “vento”, “sopro”, “fôlego”... Estamos longe das abstrações da metafísica ocidental, com esta linguagem do corpo, que me parece abrir caminhos para um pensamento encarnado, tão importante no contexto da realidade humilde que mencionei antes.

Chegando ao fim dos meus estudos teológicos, me dei conta da necessidade de seguir por outros caminhos. Não gostava do dogmatismo, especialmente barthiano, que predominava nos círculos teológicos que conheci. Foi assim que escrevi uma tese de Mestrado sobre Kierkegaard, cujo combate apaixonado a favor do indivíduo me pareceu o antídoto apropriado contra os excessos de dogmatismo de que havia sofrido. Em seguida, fui conversar com Paul Ricoeur, que entendeu perfeitamente a minha busca e me orientou numa perspectiva interdisciplinar, na fronteira entre a semântica bíblica e a hermenêutica existencial. Isso me levou a escrever uma tese de Doutorado em filosofia sobre as narrativas da criação e do dilúvio, tentando articular níveis de leitura estruturalistas e hermenêuticos.

Reflexão – Falemos um pouco de Brasil. Com a sinceridade que lhe é peculiar, faça uma avaliação de sua experiência cultural e de relações humanas entre nós.

Casalis — Dentro da América Latina (e do meu coração !), o Brasil ocupa um lugar único, não somente por seu tamanho e sua população, senão também por sua língua e cultura únicas. Sempre me havia chamado a atenção a proximidade que existe entre o francês e o português (por exemplo as nasais, o r inicial ou antes de outra consoante, as numerosas etimologias de origem provençal, etc.), uma proximidade paradoxalmente muito mais estreita que entre o castelhano e o francês, e que cheguei a entender melhor quando descobri o papel dos Cruzados franceses no nascimento do Reinado de Lisboa e dos trovadores provençais no desenvolvimento da língua e da literatura portuguesa. Parentescos deste tipo bastariam para que um aficionado da Poesia Trovadoresca se enamorasse do Brasil. Mas quando cheguei ao país, especialmente na Bahia, onde participei do Congresso Mundial dos Orixás em julho de 1983, comecei a desenvolver um amor profundo pela beleza, o calor, a simplicidade, a espontaneidade, a hospitalidade, a gentileza do povo brasileiro. Não é tão incomum visitantes europeus descobrirem como que uma segunda pátria no Brasil — a lista incluiria os nomes de Stephan Zweig, Roger Bastide, Pierre Verger, entre outros. Tentem entrar um pouco na psicologia européia, uma psicologia profundamente marcada pelo Cartesianismo e o Kantismo, ou seja, por uma repressão quase total dos sentimentos. Outra característica do mundo intelectual europeu é sua agressividade e competição. Imaginem alguém, marcado e ferido por este clima, chegando ao Brasil... Parece o mundo de cabeça para baixo ! Um incidente banal me abriu os olhos: caminhava tipicamente tenso e com pressa com uma colega brasileira em Copacabana. Ela me parou e disse: “olha, você tem que aprender a caminhar do jeito carioca !” Incidentes deste tipo me ajudam a entender por que um amigo francês que tenho na Bahia nunca mais voltou para a França em onze anos. Poderia multiplicar os exemplos. Uma experiência me sobressai: trata-se de uma semana que passei em Criciúma, Santa Catarina. Cheguei para visitar a família do irmão de uma mãe-de-santo que conheci no Rio Grande do Sul. Meu intento era ficar por apenas duas horas, entre dois ônibus. Uma semana mais tarde ainda estava lá... A casa era pequena, a família preta, o bairro quase uma favela. Em cada quarto, inclusive na cozinha, três ou quatro pessoas dormiam no chão. Nesta família pobre passei talvez o Natal mais rico da minha vida. Esta gente quase não possuía nada. O pouco que tinha, o compartilhava totalmente. Falem-me em quantos outros países as portas da casa e do coração se abririam da mesma maneira para um desconhecido !

Reflexão — Que problemas e que eventuais virtudes percebeu na vida universitária brasileira ?

Casalis – Os problemas da vida universitária brasileira me parecem essencialmente ligados à situação econômica de um país dependente. Um clima no qual os custos, em especial as matrículas nas universidades, seguem aumentando enquanto os salários seguem baixando é obviamente não-propício aos estudos acadêmicos. Apesar desta conjuntura econômica desfavorável, achei o clima intelectual na comunidade universitária de Campinas muito estimulante. Fiquei especialmente impressionado com os temas de várias teses de filosofia que me foram mostradas. Tratava-se de pesquisas filosóficas arraigadas na realidade brasileira, e que refletiam a vontade de não apenas interpretar, mas mesmo de contribuir para a transformação de tal realidade. Além disso, percebi numerosas qualidades na comunidade universitária durante o tempo que passei na PUCAMP. Gostei muito da informalidade dos alunos e dos professores, da facilidade dos contatos, da curiosidade tanto intelectual como humana e das inumeráveis marcas de carinho que me foram prodigalizadas. Tudo isso fez com que as semanas que passei em Campinas contem entre as melhores de minha vida.

Reflexão – Falemos um pouco de heranças e predileções: quais são suas “almas mais irmãs” na História da Filosofia e na Filosofia Contemporânea? Por quais pensadores e por quais correntes de pensamento se considera mais cativado? mais **marcado**?

Casalis – As minhas heranças e predileções, as minhas “almas mais irmãs” na filosofia e na cultura: além de Kierkegaard, já citado, convêm mencionar Heráclito e Lao-Tsê, ou seja, os fundadores da filosofia no Ocidente e no Oriente, contemporâneos ambos, pensadores dialéticos, os dois ressaltando a necessidade de complementaridade dos opostos, água e fogo, feminino e masculino... Esta convergência entre pensamento oriental e ocidental, nas suas origens, sempre me chamou a atenção e me emocionou: quando houver tal convergência, apesar da distância geográfica e cultural, a “verdade” não pode estar muito longe! Parece-me que a maior parte da filosofia ocidental tem errado enquanto se tem esquecido das suas origens. Por outro lado, a filosofia oriental me parece ter ficado mais fiel à “verdade” das origens. Esta constatação me encorajou a conhecer o Oriente e a estudar a filosofia oriental, especialmente japonesa: fiquei meio ano em Kioto, estudando a filosofia zenbudista com Nishitani Sensei, o sucessor de Daisetz Suzuki, e praticando um pouco de meditação zen (**za-zen**). Mas, mais que tudo, estudei as “artes zen”, já que no Oriente a filosofia não está cortada da vida, mas sim faz parte dela. A melhor maneira de conhecer a filosofia zen talvez não seja ler livros ou ouvir aulas, e sim praticar uma das “artes zen”. Entre elas destacam-se a) o **haikai**, ou seja um poema de três versos (cinco, sete

e cinco sílabas) justapondo metonimicamente ou transpondo metaforicamente dois estímulos sensoriais, por exemplo: a vista do amanhecer com o perfume das flores de ameixa, ou este perfume com o som dos sinos do templo. Esta justaposição ou transposição sensorial produz um "clique" que leva o sabor estético-afetivo do instante fugitivo em que aconteceu, ou seja, dum átomo de tempo suspenso (*ma*, em japonês). Assim, o *haikai* pode restituir a riqueza ilimitada da realidade — o Buda — já que a sucessão temporal é feita de uma miríade de instantes descontínuos, cada um diferente do precedente. b) Os jardins zen, ou seja, *karêsansui*, literalmente "paisagens secas", feitos exclusivamente de pedras e de areia; um paradoxo, pois *sansui* significa "montanha-água". Estes jardins são microcosmos, ou representações miniaturizadas das ilhas do mar do Japão. A areia, que representa a água, está às vezes agitada por ondas que podem simbolizar a agitação interna da mente que a meditação zen tem como alvo de acalmar. c) A pintura da tinta china preta (*sumi-e*) é, talvez, a mais zen de todas as artes, já que tenta recapturar o ser, a "is-ness" das coisas, como escreve Suzuki (em inglês), ou seja o que faz que esta erva humilde seja erva, ou este passarinho, passarinho. O aluno tem que repetir por semanas, meses, anos, seqüências invariáveis, como as três folhas da orquídea, até que um dia chegue a recriar três folhas autênticas, vivas, palpitando, na sua frescura primordial, no papel de arroz. (Devo confessar que minha própria paixão pelas orquídeas — mais uma razão para sentir-me em casa no Brasil — radica-se nesta prática fastidiosa !). Esta repetição sem fim de uma seqüência invariável reflete o paradoxo do zen-budismo, ou seja: como chegar à criação espontânea através da mais rígida disciplina ? d) O mesmo paradoxo encontra-se também no *kiudô* (literalmente "o caminho do arco"), o famoso tiro a arco zen, em que se repetem por uma vida inteira formas estritamente codificadas, até que um dia, neste processo árduo de purificação das formas, e mais que tudo da mente, a flecha inconscientemente atinja o alvo — a não ser que seja mais o alvo que "atinja" a flecha, como o descreve Eugen Herrigel no magnífico livrinho que dedicou ao tiro a arco zen.

Depois desta estadia no Japão, viajei por vários meses pela Índia e pelo Nepal. Neste último país caminhei por cinco semanas, às vezes a mais de 5.000 metros de altura, hospedando-me casas tibetanas e conhecendo os magníficos mosteiros budistas de Manang e Tengboche, ao pé do Anapurna e do Everest. O que aprendi da meditação tibetana pareceu-me um caminho mais fluido e feminino do que o *za-zen*. Até hoje sigo fazendo uma meia hora de ioga tântrico diariamente.

A minha atração e fascinação pelo Oriente explica porque sempre tive um carinho especial para com os filósofos mais orientais dentro da filosofia ocidental: a) Spinoza, naturalmente, talvez o mais “budista” dos filósofos ocidentais; b) Nietzsche, cuja doutrina do retorno eterno tem claramente raízes orientais, como o mostrou Charles Andler, e com quem compartilho uma paixão pelos lagos-de-alta-montanha nos Alpes (parece-me que se tivesse conhecido o lago Titicaca, Nietzsche talvez teria experimentado lá a intuição do retorno eterno com ainda mais força que nas beiras do lago de Silvaplana !). A Nietzsche também me une uma conexão quase familiar, já que foi o professor de Grego do meu bisavô no “Realgymnasium” de Basileia (um fato que só descobri recentemente, por ter sido censurado pela ideologia familiar da “respeitabilidade” !...) c) O Heidegger do segundo período, o autor de “Um diálogo com um Japonês” (**Unterwegs zur Sprache**), e que dizia, depois de ter lido os ensaios de Suzuki sobre o zenbudismo que isto era exatamente o que ele estava tentando fazer com a sua própria filosofia. D) O Merleau-Ponty dos últimos anos, o autor de **O visível e o invisível**, que me parece ser uma meditação quase mística sobre a “carne do mundo” e sobre o nosso entrelaçamento com ela. e) Roland Barthes, com quem tive o privilégio de estudar por um ano na École des Hautes-Études da Sorbonne. Talvez o educador mais autêntico que conheci, por seu respeito pelos alunos, seu calor humano. Ele tinha uma personalidade totalmente não-repressiva e desprovida de qualquer forma de agressividade ou de menosprezo. Queria ser como uma “mãe” para os alunos, ou seja, alguém com quem o aluno-criança se sente seguro, e que deixa a criança caminhar por si, limitando-se a encorajá-la de vez em quando por um gesto da mão. Barthes também era fascinado pelo Japão. É significativo que, dentro de suas obras, ele preferia **L’empire des signes**, seu livro sobre o Japão. f) Quero finalmente mencionar um encontro marcante com Jean-Marie Le Clézio, o autor de **Hai, La Guerre, L’inconnu sur la terre**, e que conheci quando foi professor visitante na Universidade do Novo México. Sua escritura é visionária, extática, uma escritura de transe, que nos revela a beleza tanto no mundo mágico dos indígenas do Panamá, do Yucatán ou de Ácoma, no Novo México, como no mundo tecnológico: a descrição da decolagem do avião em **La Guerre** é uma das páginas mais fortes que conheço na literatura. Le Clézio é um tipo de asceta quase budista, que caminha numa rua barulhenta, poluída, e que no meio de vapores de escapamento logra extasiar-se com a beleza de uma roda de caminhão, comunicando-nos seu êxtase através da sua prosa vibrante...

Reflexão — Fale-nos um pouco de seus novos projetos, novas direções.

Casalis — Minhas origens sócio-econômicas são do “primeiro mundo”, do Norte. Minhas origens ideológicas são mais que tudo cartesianas (primazia do intelecto sobre os sentimentos), Kantianas (primazia do dever) e hegelianas (eurocentrismo). Meu encontro com Enrique Dussel em Bogotá em 1980 me fez realizar a extensão do meu cartesianismo e hegelianismo. Daí uma inversão das perspectivas: visto desde a “periferia”, o **cogito**, âmago do pensamento europeu, aparece como a justificação ideológica da práxis conquistadora; o famoso esquema centrista da filosofia da história hegeliana (antigo Meio-Oriente, Grécia-Roma, Alemanha-França) se auto-exclui por excluir a periferia. Em outras palavras, por causa das suas próprias limitações, o antigo centro tem-se condenado a ser periférico, enquanto o novo centro encontra-se na antiga periferia ! Tal conversão filosófica influiu sem dúvida em minha busca presente de um quadro onde possa unir minha práxis de intelectual com as necessidades das bases sociais.

Reflexão — Em sua visão pessoal, que papel pode ter a filosofia nas sociedades culturalmente invadidas e submetidas, que agora começam a esboçar seu projeto de libertação ?

Casalis — A vocação central da filosofia me parece ser a busca do “sentido da vida” (Viktor Frankl), ou seja, a busca das condições de possibilidade de uma práxis da “esperança humana” (Rubem Alves), de uma práxis da utopia num mundo profundamente trágico, que vive sob o signo da morte de Deus, ou ao menos da sua ausência. Para realizar esta vocação dentro do quadro duma cultura da miséria, o filósofo tem que tornar-se um hermeneuta dos sinais escondidos na realidade humilde do povo. Um novo tipo de filósofo me parece necessário, isto é, um filósofo que deixe de pregar desde a cúpula (o filósofo “conquistador”), mas sim que se ponha a **escutar** as bases, e cujo alvo seja mais que tudo encorajá-las a desvendar seus tesouros escondidos (o filósofo “materno”). Pode-se seguir ensinando Platão e Spinoza, mas com o entendimento de que a meta não é mais a transmissão de conhecimentos “bancários” (Paulo Freire), mas sim a afirmação da vida e da identidade dos presentes. O texto do passado torna-se **pre-texto** para a escritura, pelos discentes, do seu próprio texto de vida. A hermenêutica dos autores do passado acontece realmente no presente na medida em que levã os leitores ou ouvintes a tornarem-se, por sua vez e à sua maneira, “co-autores” do texto passado (Barthes) e autores do seu próprio texto filosófico, expresso através da sua linguagem (os mitos, os símbolos do Candomblé, da Umbanda, do Espiritismo, do Pentecostalismo, da cosmovisão Guarani ou Mapuche...). O filósofo-parteiro de Sócrates sim, mas ajudando a dar à luz não as

verdades imutáveis e eternas, mas sim históricas, arraigadas na cultura, na carne, no sangue, nas lágrimas, nas brincadeiras do povo...

Reflexão — Para concluir esta entrevista, Matthieu, fale-nos do que quiser.

Casalis — Para terminar, gostaria de confessar-lhes um segredo: estou enamorado da língua portuguesa do Brasil! Sempre me fascinaram as várias camadas desta língua: lusitana, latina, árabe, provençal, tupi-guarani, iorubá, etc. A língua brasileira é constituída como que por uma sucessão de camadas geológicas, mas são camadas **vivas**! Parece-me que não existem muitos outros idiomas tão ricos e criativos. Um dos meus livros favoritos é o maravilhoso dicionário de Aurélio. Quando você o abre, embarca-se para uma viagem de sonho, através do tempo e do espaço das etimologias. Gosto dos sons do português brasileiro, e mais que tudo, da elegância dos **rr** iniciais ou antes de outra consoante (especialmente na pronúncia do Rio e do Nordeste), da fluidez dos chiados e das palatalizações, da “redondeza” dos acentos. O brasileiro é um idioma menos rígrado, áspero, “golpeado” (Francês: “heurté”) e por isso menos estreito que o castelhano. É mais amplo e mais solto (“martelé”) que o Francês: quando mudo do português para o francês, sinto que meus lábios se aproximam e que a minha boca se aperta! Por tudo isso, acho o português uma língua dum esplendor insólito, “provavelmente a mais linda de todas” (Le Clézio), a mais saudosa, uma língua que, através da descrição da seca nos **Sertões**, de Euclides da Cunha, da canção “Um gosto de sol”, de Milton Nascimento, chega à musicalidade, à transparência, à beleza absoluta, na grande tradição dos meus poetas favoritos, Villon e Verlaine, Apollinaire e Aragon...